

# EXTREMO

FRANCO BERARDI

CRÔNICAS DA PSICODEFLAÇÃO

TRADUÇÃO REGINA SILVA

|     |                                                       |
|-----|-------------------------------------------------------|
| 7   | PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA                          |
| 11  | INTRODUÇÃO<br>Fenomenologia do fim: um título ambíguo |
| 15  | <b>PARTE 1</b><br><b>CRÔNICAS DA PSICODEFLAÇÃO</b>    |
| 129 | <b>PARTE 2</b><br><b>SEIS MEDITAÇÕES NO LIMIAR</b>    |
| 131 | 1. Limiar e cosmopoiesis                              |
| 143 | 2. Para além do colapso                               |
| 149 | 3. Recodificador universal                            |
| 154 | 4. O terceiro inconsciente                            |
| 164 | 5. Profecia sensual                                   |
| 171 | 6. Beijos                                             |
| 183 | <b>POST SCRIPTUM</b>                                  |
| 203 | Sobre o autor                                         |

## PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Escrevi estas crônicas de deflação psíquica durante o primeiro semestre de 2020, quando a pandemia do coronavírus atingiu a Itália na primavera de forma tão violenta que impôs toda a população em quarentena. Não exatamente *toda* a população, porque milhões de trabalhadores foram obrigados a manter suas rotinas, mesmo correndo o risco de se infectarem. Não puderam parar pois desempenham um papel indispensável à sociedade: médicos e enfermeiras, é claro, mas também entregadores, esses trabalhadores precarizados obrigados a andar de bicicleta levando pacotes de aplicativos de entrega. Além deles, a maioria dos operários das indústrias também foi forçada a ir para a fábrica.

Depois de alguns meses, as pessoas começaram a acreditar que a pandemia estava acabando: o governo italiano anunciou uma redução nas medidas de confinamento e, em seguida, o fim da quarentena. Pensamos que o contágio se dissolveria com o tempo e que a vida logo voltaria ao normal.

Aos poucos, contudo, percebemos que não foi isso o que de fato aconteceu. Em primeiro lugar, porque a pandemia continuou a se expandir, a demandar novos confinamentos em ondas sucessivas, de leste a oeste, da China rumo ao velho continente eurasiático e depois para o continente americano, primeiro em direção ao norte e depois ao sul.

Logo o medo de que o contágio pudesse voltar começou a se espalhar. E então os governos impuseram novamente a quarentena aqui e ali, de forma um pouco irregular.

Agora, enquanto escrevo o prefácio desta edição brasileira, em muitos países europeus estamos começando a falar em *lock-down* de novo. Viajar pela Europa tornou-se arriscado, difícil.

Pessoalmente, tive que desistir de uma viagem de Bolonha a Barcelona porque a maioria dos voos foi cancelada, o preço dos voos triplicou, e viajar de avião envolve inconvenientes e riscos que um asmático como eu precisa levar em consideração.

Não sabemos mais nada sobre nosso futuro pessoal, muito menos sobre o futuro global.

O que me parece certo é que não haverá volta a nenhuma normalidade. O colapso da economia já assumiu proporções assombrosas: o Produto Interno Bruto (PIB) da Grã-Bretanha despencou 22% no segundo trimestre de 2020, o desemprego aumentou a níveis sem precedentes em quase todos os países europeus, e a queda na demanda é dramática, não dá para esperar uma recuperação do consumo porque os salários estão caindo e, sobretudo, porque desabou a energia psicológica que induz as pessoas a consumir.

Mas não está claro se essa interrupção, se esse colapso, nos permitirá escapar do cadáver do capitalismo, experimentar formas de vida igualitárias e frugais, ou se seremos empurrados para uma guerra de todos contra todos, para uma angústia ininterrupta e para a extinção da civilização humana.

Desta vez, não se trata mais de ambições utópicas, mas de mudar de rumo antes que se cumpra um destino que parece cada vez mais próximo: os gigantescos incêndios na Austrália, na Amazônia, na Califórnia, no Pantanal, o derretimento das geleiras, os armamentos, a fome que está voltando em muitas partes do mundo, as grandes migrações – aceleradas pela crise do meio ambiente –, a reação racista dos povos do Norte global diante desse efeito do desenvolvimento industrial.

Se não houver uma guinada baseada nas potências da inteligência técnica liberta dos interesses privados, se não forem criadas comunidades autônomas de experimentação tecno-

lógica, capazes de produzir o necessário, então a extinção se tornará o horizonte provável.

Necessitamos *hoje* do desenvolvimento de pesquisas que tenham autonomia em relação aos interesses das corporações globais, além de reativação das energias eróticas e criativas da sociedade.

É possível, desde que saibamos resistir ao provável, zombar do inevitável e abrir as janelas ao imprevisível.

Bolonha, setembro de 2020

## FENOMENOLOGIA DO FIM: UM TÍTULO AMBÍGUO

*Fenomenologia do fim.*

Sim, mas o fim de quê?

Isso depende de nós, depende de você.

Se soubermos criar condições de solidariedade social, se soubermos nos equipar com ferramentas adequadas de defesa e ataque, se pudermos desenvolver um modelo adequado de aplicação completa das tecnologias de produção, então será o fim da propriedade privada, do domínio abstrato do capital, da exploração e da miséria.

Um fim esperado e prometido há dois séculos, que nenhuma política foi capaz de implementar; paradoxalmente, foi um vírus que pôs ao alcance de uma humanidade à beira do precipício a possibilidade de emancipar-se da superstição do dinheiro e do trabalho assalariado.

Se não soubermos como criar essas condições, então o fim sobre o qual teremos que falar é exatamente o fim da humanidade. Da humanidade como um valor compartilhado, como sensibilidade, inteligência e compreensão, mas também como espécie: o fim do animal humano na Terra.

Desta vez, não estamos brincando. Incêndios florestais em todo o mundo, derretimento de geleiras, invasão catastrófica de gafanhotos na África, corrida armamentista, a fome que retorna a muitas áreas do mundo, a pandemia viral que inaugura uma era de terror sanitário.

Tudo isso significa uma coisa: que a extinção está em pauta e que não há outra maneira de evitar essa perspectiva senão pela igualdade econômica radical, pela liberdade cultural, pela lentidão de movimentos e pela velocidade de pensamentos.

Comunismo ou extinção.

Há cinquenta anos, uma revista chamada *Socialisme ou Barbarie* circulava nas livrarias de Paris. Sabemos como acabou. Não conseguimos criar as condições culturais e técnicas para o socialismo, e o resultado foi visto nos primeiros vinte anos do novo século: exploração brutal, precariedade e miséria crescentes, racismo, nacionalismo, submissão da inteligência coletiva à ignorância da minoria armada.

Barbárie.

E, no final, colapso, naturalmente. Colapso sanitário, é claro, mas, mesmo antes, colapso psíquico, alastramento da depressão, crise de pânico, epidemia de suicídios.

No primeiro semestre de 2020, o colapso entreabriu as portas do nosso amanhã.

Pode ser (é muito provável que seja) um amanhã de guerra civil generalizada, opressão tecnototalitária de contornos chineses, violência fascista de contornos turcos ou húngaros, demência armada em massa de contornos norte-americanos.

Nesse caso, vamos perceber em breve que seria melhor termos sido eliminados pela Covid-19, em vez de testemunharmos, impotentes, a violência dos patrões e a arrogância dos servos ignorantes.

Com o petróleo custando zero dólar, o mundo será sufocado pelas névoas venenosas de Delhi, pelos incêndios devastadores da Austrália, pelas águas dos oceanos tempestuosos. Em algumas gerações, oraremos ao deus do inevitável para acelerar o momento da extinção iminente.

Mas outro fim é possível, um fim que é um começo.

A potência da inteligência técnica governada por 100 milhões de jovens trabalhadores do conhecimento, o florescimento de milhões de coletivos autônomos, laboratórios e escolas produzindo o que é necessário a todos, sem que ninguém nunca mais lucre com isso.

O dinheiro tornou-se inútil, a acumulação é uma ilusão perigosa.

Precisamos de pesquisa científica, satisfação preguiçosa das necessidades essenciais e prazer de sentidos e mentes.

Que o erótico expulse a lembrança triste do econômico. Que a poesia cosmopolita dissolva o mau cheiro do pertencimento nacional. Que todas as bandeiras sejam queimadas, que as portas de todas as prisões se abram.

É possível, se conseguirmos resistir ao provável e se formos capazes de zombar do inevitável.

*Bolonha, junho de 2020*

## SOBRE O AUTOR

Franco “Bifo” Berardi nasceu em Bolonha, em 1949. Graduou-se em estética na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Bolonha em 1971. Militante desde a adolescência, Bifo passou pela Fronte della Gioventù Comunista [Frente da Juventude Comunista], foi figura de destaque no Potere Operaio [Poder Operário] durante o Maio de 1968 e atuou no movimento anarcossindicalista italiano nos anos 1970. Fundou a revista *A/traverso* (1975–81) e fez parte da equipe da rádio Alice (1976–77), a primeira rádio livre da Itália. Com Antonio Negri e outros intelectuais envolvidos no movimento autonomista italiano, exilou-se em Paris. Lá, trabalhou com Félix Guattari no campo da esquizoanálise e frequentou os seminários de Michel Foucault. Nos anos 1980, contribuiu com revistas como *Semiotext(e)* (Nova York), *Chimères* (Paris), *Metropoli* (Roma), *Musica 80* (Milão) e *Archipiélago* (Barcelona). Em 1992, ajudou a fundar a revista *DeriveApprodi* e, em 1997, a editora homônima, com um catálogo orientado a temas políticos. Foi professor de Teoria da Mídia na Accademia di Belle Arti, em Milão, no Programa d’Estudis Independents do Museu d’Art Contemporani de Barcelona e no Institute for Doctoral Studies in the Visual Arts de Portland.

### PRINCIPAIS OBRAS

*La fábrica de la infelicidad* (Madri: Traficantes de Sueños, 2003)  
*Precarious Rhapsody: Semiocapitalism and the Pathologies of Post-Alpha Generation* (California: AK Press, 2009)

*The Soul at Work: From Alienation to Autonomy* (Los Angeles: Semiotext(e), 2009)

*Félix* (Buenos Aires: Editorial Cactus, 2013)

*Heroes: Mass Murder and Suicide* (New York: Verso, 2015)

*And: Phenomenology of the End* (Los Angeles: Semiotext(e), 2015)

*Skizo-Mails* (Berlin: Errant Bodies Press, 2015)

*Futurability: The Age of Impotence and the Horizon of Possibility*  
(New York: Verso, 2017)

*Depois do futuro* (São Paulo: Ubu Editora, 2019)

*The Second Coming* (Cambridge: Polity Press, 2019)



Título original: *Fenomenologia della fine*

© Ubu Editora, 2020

© Franco Berardi, 2020

IMAGEM DA CAPA © Guglielmo Mangiapane / Reuters / Fotoarena

COORDENAÇÃO EDITORIAL Florencia Ferrari

ASSISTENTES EDITORIAIS Isabela Sanches e Júlia Knaipp

PREPARAÇÃO Natália Engler

REVISÃO Cláudia Cantarin e Cristina Yamazaki

DESIGN Elaine Ramos

ASSISTENTE DE DESIGN Livia Takemura

TRATAMENTO DE IMAGEM Carlos Mesquita

PRODUÇÃO GRÁFICA Marina Ambrasas

COMERCIAL Luciana Mazolini

ASSISTENTE COMERCIAL Anna Fournier

GESTÃO SITE / CIRCUITO UBU Beatriz Lourenção

CRIAÇÃO DE CONTEÚDO / CIRCUITO UBU Maria Chiaretti

ASSISTENTE DE COMUNICAÇÃO Júlia França

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB 8/9410

---

B483e Berardi, Franco [1949-]

Extremo: crônicas da psicodetração / Franco Berardi;  
título original: *Fenomenologia della fine* traduzido por  
Regina Silva. – São Paulo: Ubu Editora, 2020. 208 pp.  
ISBN 9786586497144

---

1. Política. 2. Filosofia. 3. Quarentena. 4. Coronavírus.  
5. Sociedade. I. Silva, Regina. II. Título.

---

2020-2338

CDD 320 / CDU 32

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Política 320
  2. Política 32
- 

*Nesta edição, respeitou-se o novo*

*Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

UBU EDITORA



Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

(11) 33312275

ubueditora.com.br

professor@ubueditora.com.br

  /ubueditora